

# **AMERÍNDIOS E PORTUGUESES: RAÍZES HÍBRIDAS BRASILEIRAS NO ROMANCE IRACEMA**

*Virgínia Silva de Carvalho(Bolsista (ICV-CNPq), Alcione Corrêa Alves(Orientador, Depto de Letras – UFPI )*

## **INTRODUÇÃO:**

Nas narrativas ficcionais, é recorrente o uso dos mitos e lendas presentes no imaginário de um povo, tornam-se recursos aproveitados na urdidura de enredos. Todavia, ténue é a correspondência desses elementos com os mitos de fundação visto que, por meio da representação do imaginário coletivo e social, os povos de culturas atávicas segundo GLISSANT (2005) proclamam sua legitimidade num território transformado em nação ANDERSON (*Apud* HALL, 2003). Desse modo, analisar o mito fundador é compreender os mecanismos engendrados e usados pelos habitantes de um determinado lugar para contar seu surgimento e (re) inteirar sua pertença.

## **OBJETIVOS:**

Analisar o mito fundador presente no romance Iracema; conhecer os mecanismos de legitimação e difusão do mito fundacional na obra citada.

## **METODOLOGIA:**

Dentre os procedimentos de pesquisa empregados constam, primeiramente, a elaboração de uma fortuna crítica da obra, o levantamento de fontes bibliográficas literárias que versaram sobre o tema proposto e a aplicação da teoria glissantiana ao texto de José de Alencar. Dessa forma, a análise da obra dividiu-se em três etapas: na primeira etapa, realizamos a fortuna crítica do romance para detectar os elementos pertinentes que dão suporte à pesquisa. Na segunda etapa, ocorreu a leitura, fichamento e discussão da teoria do escritor antilhano Édouard Glissant, método análogo usado aos artigos citados neste trabalho; e, finalmente, procedeu-se a uma análise e a (re) leitura de *Iracema* segundo as apreciações extraídas das fontes bibliográficas pesquisadas e a teoria de Édouard Glissant.

## **REFERENCIAL TEÓRICO:**

Utiliza-se como aporte teórico o escritor, ensaísta e filósofo antilhano Édouard Glissant na obra *“Uma Introdução a arte poética da diversidade”* (2005), na qual o autor discorre sobre os conceitos de culturas atávicas e culturas compósitas; além de empregar o conceito de nação elaborado por Benedict Anderson (1992), a análise de Renato Janine Ribeiro (2004) deste romance, além das contribuições do artigo *“Identidade e nação: Esquecimento e memória em Alencar”* de Lúcia Helena e a obra *“O Bom Selvagem”* de Jean-Jacques Rousseau. A fim de discutir o papel da memória no romance inclui-se o texto: *O esquecimento como condição de memória: A identidade em desabamento no ato de dizer* de Pedro de Sousa. Por fim, as noções de diferença cultural e diversidade cultural do escritor Indo-britânico Homi K. Bhabha.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Na apreciação final, verificamos a legitimação do território povoado pelas indígenas através de uma gênese/filiação, ou seja, por intermédio de um mito fundador. Na obra, o chefe da tribo

tabajara Irapuã relembra que "Tupã deu à grande nação tabajara toda essa terra" (1998:31). Já Poti, da tribo pitiguara, conta à Martim a gênese de seu povo:

O grande tacape da nação estava na destra de Batuireté, o maior chefe, pai de Jatobá. Foi ele que veio das praias do mar até o rio do jaguar, e expulsou os tabajaras para dentro das terras, marcando a cada tribo seu lugar; depois entrou pelo sertão até a serra que tomou seu nome. (p.65)

A presença do povo português se efetua gradualmente no romance; primeiro quando o personagem Martim Moreno anuncia sua filiação "Ao grande povo português que primeiro viu as terras da pátria" (1998:29). Embora, a legitimação portuguesa em solo brasileiro somente ocorre o nascimento de Moacir, filho do português Martim Moreno e da índia Iracema, filha do povo tabajara e, conseqüentemente, uma das herdeiras de sua tribo.

Nesta perspectiva, a legitimação e a ocupação do solo americano pelo povo invasor português ocorrem no texto, num tempo cronológico memorável no qual Martim lembra-se de sua história ao chegar às terras brasileiras e no final do romance, quando outros portugueses aportam definitivamente no território, ancorados agora na tradição de um mito fundador luso-brasileiro, no qual, o guerreiro branco uniu-se a uma representante do solo brasileiro e com ela tem "o primeiro filho que o sangue da raça branca gerou nessa terra da liberdade, via a luz nos campos da Porangaba" (1998:80).

Desse modo, o colonizador português firma sua presença em terras brasileiras por meio de um mito fundador luso-português. O tempo que ocorre a ação é memorável na consciência do protagonista Martim; desse modo, o colonizador dispôs desse mecanismo imprimindo uma narrativa unilateral ao texto, tornando a união dos povos ameríndios e português "consensual e pacífica", fato a ser perpetuado na memória ficcional brasileira. Em síntese, no imaginário dos leitores prevalece a narrativa central do amor Iracema e Martim sobre o mito fundador das nações indígenas, assim como, a legitimação e ocupação do solo pelo povo português.

Ao propor uma (re) leitura glissantiana do mito fundador em *Iracema*, observamos que às culturas ameríndias e a portuguesa consideradas culturas atávicas que foram postas em contato, permutaram e se transformaram num processo que levará a formação de uma cultura compósita, ou seja, crioula. Conclui-se que a união de culturas atávicas produziu uma cultura brasileira compósita ou crioula, nela encontramos, a mestiçagem de elementos culturais ameríndios e europeus, no entanto, as diferenças culturais foram expressas, objetadas e admitidas como valores sociais no processo de aglutinação de diferentes culturas, denominado de negociação complexa. Apesar de pluralizar as origens do povo brasileiro e do reconhecimento da importância do indígena, impõe-se ao nativo um caráter subalterno em relação ao português, o que pode ser detectado no momento em que Poti é batizado com o nome de um santo português e do rei, a que ia servir (1998:87). Neste sentido, na obra *O Bom Selvagem* de Jean-Jacques Rousseau, o colonizador europeu é tido como cruel explorador e usurpador de terras alheias, embora no texto supracitado, ele seja descrito como pacificador de conflitos entre as diversas tribos que ocupavam o território cearense ainda não formado, permitindo que o povo português possa ser representado não como usurpador, mas como aliado que proporcionou a paz entre as nações ameríndias e, conseqüentemente, consagrou-se enquanto elemento predominante no imaginário ficcional da narrativa literária brasileira do século XIX.

Palavras-chave: Culturas Atávicas. Culturas Compósitas. Mito.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALENCAR, José. *Iracema*. São Paulo: Editora Martin Claret, 1998.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução Denise Bottman. Companhia das Letras.

BHABHA, Homi k. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

COUTINHO, Afrânio (Dir.); COUTINHO, Eduardo de Faria (co-dir.) José de Alencar e a ficção Romântica. In: *A Literatura no Brasil*. 7ª ed. rev. E atual – São Paulo: Global, 1999. p.231-321.

GILROY, Paul. Identidade, Pertencimento e a Crítica da Similitude Pura. In: *Entre Campos: nações, cultura e o fascínio da raça*. Tradução de Celia Maria Marinho de Azevedo et al- São Paulo: Annablume, 2007.

GLISSANT, Édouard. Cultura e Identidade, In: *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha – Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p.71-95.

INDURSKY, Fredra & CAMPOS, Maria do Carmo (Org.). Identidade e nação: memória e esquecimento em Alencar. In: *Discurso, Memória, Identidade*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

\_\_\_\_\_. O esquecimento como condição de memória: a identidade em desabamento no ato de dizer. In: *Discurso, Memória, Identidade*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira I*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Top Books, 1996.

RIBEIRO, Renato Janine. Iracema ou a fundação do Brasil. In: *A sociedade contra o social: o alto custo da vida pública no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 45-64.